

JP DELANEY



QUEM ERA ELA



JP DELANEY

QUEM
ERA ELA

TRADUÇÃO DE ALEXANDRE RAPOSO



Copyright © 2017 by JP Delaney
Essa edição foi publicada mediante acordo com Ballantine
Books, selo da Random House, uma divisão da Penguin
Random House LLC.

TÍTULO ORIGINAL
The Girl Before

PREPARAÇÃO
Mariana Moura

REVISÃO
Tais Monteiro
Carolina Rodrigues

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN DE CAPA
Carlos Beltrán

FOTOGRAFIA
© GG Archard/Gallery

ADAPTAÇÃO
Julio Moreira/Equatorium Design

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D378q

Delaney, JP
Quem era ela / JP Delaney ; tradução Alexandre
Raposo. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2017.
336 p. ; 23 cm.

Tradução de: The girl before
ISBN: 978-85-510-0139-4

1. Romance inglês. I. Raposo, Alexandre. II. Título.

16-38718

CDD: 823
CDU: 821.111-3

[2017]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

1. *Faça uma lista de todos os bens que você considera essenciais para sua vida.*

ANTES: EMMA

É um apartamento pequeno e encantador, o corretor diz em um tom que até poderia se passar por entusiasmo genuíno. Perto do comércio. E ainda tem uma área livre que pode ser transformada em terraço... Se o proprietário consentir, claro.

Bonito, concorda Simon, tentando não olhar para mim.

Assim que entrei e vi aquele trecho de dois metros de telhado debaixo de uma das janelas, eu soube que o apartamento não era muito bom. Si também sabe disso, mas não quer dizer ao corretor, ou pelo menos não tão cedo a ponto de parecer grosseiro. Ele até deve ter esperança de que, caso eu ouça a lenga-lenga idiota do sujeito por bastante tempo, acabe cedendo. O corretor é como Simon: incisivo, impetuoso, impaciente. Provavelmente lê a revista na qual Simon trabalha. Antes de subirmos a escada, os dois estavam conversando sobre esporte.

E aqui vocês têm um quarto de tamanho decente, continua o corretor, com uma ampla...

Não é bom, interrompo, encurtando abruptamente sua frase falaciosa. Não serve para a gente.

O corretor ergue as sobrancelhas.

Você não pode ser muito exigente nesse mercado, comenta ele. À noite este apartamento já não vai estar mais disponível. Há cinco visitas marcadas para hoje e ainda nem anunciamos no nosso site.

Não é muito seguro, digo em tom categórico. Podemos ir embora?

Há trancas em todas as janelas, comenta ele, além de uma fechadura de alta qualidade na porta. Claro que, se segurança é uma grande preocupação,

vocês podem instalar um alarme. Acho que o proprietário não faria nenhuma objeção.

Ele não está se dirigindo a mim, mas a Simon. *Grande preocupação*. Poderia muito bem ter dito: *Ah, sua namorada gosta de fazer drama?*

Vou esperar lá fora, aviso, me virando para sair.

Ao perceber que errou, o corretor acrescenta: Se o problema for o bairro, talvez vocês devessem procurar mais a oeste.

Já procuramos, conta Simon. Todos ultrapassam nosso orçamento. A não ser os do tamanho de uma caixa de fósforo.

Simon está tentando não revelar sua frustração no tom de voz, porém o que mais me irrita é o fato de ele precisar escondê-la.

Há um quarto e sala no Queen's Park, fala o corretor. Não está em boas condições, mas...

Já vimos, diz Simon. No fim das contas, nós achamos que ficava perto demais do conjunto habitacional.

Seu tom de voz deixa claro que *nós* significa *ela*.

E tem um apartamento no terceiro andar que acabou de ficar vago em Kilburn...

Esse também. Tinha um cano de escoamento ao lado de uma das janelas.

O corretor parece intrigado.

Alguém poderia escalar, explica Simon.

Bem, a época boa para alugar está apenas no início. Talvez, se vocês esperrarem um pouco...

O corretor claramente concluiu que somos perda de tempo: ele também se esgueira em direção à porta. Vou para o corredor, com o intuito de me afastar dele.

Já notificamos o proprietário do nosso antigo apartamento, ouço Simon dizer. Estamos ficando sem opções. Ele baixa o tom de voz. Olhe, cara, fomos assaltados. Cinco semanas atrás. Dois homens invadiram nossa casa e ameaçaram Emma com uma faca. Dá para entender por que ela está tão nervosa assim.

Ah, diz o corretor. Que merda. Se alguém fizesse isso com minha namorada, nem sei o que eu faria. Olhe, pode ser um tiro no escuro, mas...

Ele deixa a frase no ar.

O quê?, pergunta Simon.

Alguém no escritório falou para vocês sobre um imóvel em Folgate Street?

Acho que não. Acabou de ficar vago?

Não exatamente.

O corretor parece incerto quanto a insistir naquilo ou não.

Mas está disponível?, indaga Simon.

Tecnicamente, sim, diz o corretor. E é um imóvel fantástico. Absolutamente fantástico. Muito superior a este aqui. Mas o proprietário... Dizer que ele é *excêntrico* seria eufemismo.

Em que bairro?, pergunta Simon.

Hampstead, responde o corretor. Bem, está mais para Hendon. Mas a vizinhança é bem tranquila.

Emma?, chama Simon.

Entro de novo.

Podemos dar uma olhada, digo. Já estamos a meio caminho de lá.

O corretor concorda com a cabeça.

Vou passar na agência para pegar os detalhes, diz ele. Na verdade, já faz algum tempo desde a última vez que mostrei esse imóvel. Não é um lugar que serve para qualquer um. Mas acho que pode ser o que estão procurando.

AGORA: JANE

— Esse é o último. — Camilla, a corretora, tamborila os dedos no volante de seu Smart. — Então, está na hora de decidirem.

Suspiro. O apartamento que acabamos de ver, que fica em um quarteirão de mansões decadentes na periferia de West End Lane, é o único que se encaixa no meu orçamento. E eu estava quase convencida de que dava para o gasto — ignorando o papel de parede descascado, o cheiro discreto do que alguém está cozinhando no andar de baixo, o quarto apertado e o mofo no banheiro sem ventilação — até ouvir um sino tocando ali perto, um sino de mão, à moda antiga, e de repente o barulho de crianças encheu o lugar. Ao me aproximar da janela, vi uma escola. Dava para enxergar dentro de uma sala de aula cheia de crianças, as janelas cobertas com recortes de coelhos e gansos de papel. Senti uma pontada no estômago.

— Acho que vou recusar este aqui — digo, por fim.

— Sério? — Camilla parece surpresa. — Por causa da escola? Os antigos moradores disseram que gostavam de ouvir as crianças brincando.

— Mas não tanto a ponto de decidirem ficar. — Eu me viro. — Podemos ir embora?

Camilla fica quieta, um silêncio demorado e tático, enquanto dirige de volta para o escritório. Por fim, ela diz:

— Se nada do que vimos hoje agradou você, talvez tenhamos que pensar em aumentar seu orçamento.

— Infelizmente, meu orçamento não pode ser aumentado — retruco com frieza, olhando pela janela.

— Então você precisa ser um pouco menos exigente — diz ela com sarcasmo.

— Quanto ao último apartamento, tenho... razões pessoais para não conseguir morar ao lado de uma escola. Não nesse momento.

Noto quando seu olhar se fixa na minha barriga, ainda um pouco flácida por causa da gravidez, e ela arregala os olhos ao fazer a associação.

— Ah! — exclama.

Camilla não é tão idiota quanto parece, e sou grata por isso. Não preciso explicar com todas as letras.

Ela parece tomar uma decisão.

— Olhe, tem outro lugar. Não deveríamos mostrar sem a estrita permissão do proprietário, mas às vezes não seguimos essa orientação. O apartamento assusta algumas pessoas, mas, na minha opinião, é incrível.

— Um lugar incrível que se encaixa no meu orçamento? Não estamos falando de um barco, estamos?

— Meu Deus, não! Quase o oposto. Uma construção moderna em Hendon. Uma casa de apenas um quarto, mas muito espaçosa. O proprietário é o arquiteto. Ele é muito famoso, aliás. Você costuma comprar roupas na Wanderer?

— Wanderer...

Na minha antiga vida, quando eu tinha dinheiro e um trabalho decente e que pagava bem, às vezes eu ia à Wanderer da Bond Street, um lugar assustadoramente minimalista. Lá, alguns vestidos de preços exorbitantes eram exibidos em paredes grossas de pedra, feito virgens oferecidas em sacrifício, e todas as vendedoras usavam quimonos pretos.

— De vez em quando. Por quê?

— A Monkford e Associados projeta todas essas lojas. O arquiteto é o que chamam de tecnominimalista ou algo assim. Cheio de parafernália escondida, mas, de resto, completamente vazio. — Ela me encara. — Devo avisar que algumas pessoas acham o estilo dele bastante... *austero*.

— Posso lidar com isso.

— E...

— O quê? — pergunto, pois ela não termina a frase.

— Não é um simples contrato entre proprietário e inquilino — acrescenta ela, hesitante.

— Como assim?

— Acho — diz ela, flexionando o indicador para acionar a seta e mudar para a faixa da esquerda — que devíamos dar uma olhada no imóvel e ver se você se apaixonou. Depois eu explico as inconveniências.

ANTES: EMMA

Certo, então a casa é extraordinária. Maravilhosa, de tirar o fôlego, incrível. Palavras não lhe fazem justiça.

Da rua, não dava para se ter ideia. Duas fileiras de casas grandes, inexpressivas, com aquela combinação usual de janelas de guilhotina e tijolos vermelhos vitorianos que encontramos em toda a região norte de Londres, subindo em direção a Cricklewood, feito uma corrente de figuras recortadas de um jornal, uma exatamente igual à outra. Apenas as portas da frente e as janelinhas coloridas logo acima eram diferentes.

No fim da rua, bem na esquina, havia uma cerca. Depois da cerca, dava para ver uma construção baixa e pequena, um cubo compacto de pedra clara. Algumas fendas horizontais de vidro, aparentemente espalhadas de forma aleatória, eram a única indicação de que aquilo era mesmo uma casa e não um gigantesco peso de papel.

Uau!, exclama Simon, inseguro. É aqui mesmo?

Com certeza, diz o corretor com um tom de voz alegre. Folgate Street, nº 1.

Ele nos leva até a lateral da casa, onde há uma porta perfeitamente encaixada à parede. Não parece haver campainha... Na verdade, não dá para ver nenhuma maçaneta ou caixa de correio; nenhuma placa de identificação, nada que indique ocupação humana. O corretor empurra a porta, que se abre.

Quem mora aqui?, pergunto.

No momento, ninguém, diz ele, se afastando para que a gente possa entrar.

Então, por que a porta não está trancada?, questiono, nervosa, sem me mover.

O corretor sorri.

Estava, diz ele. Tem uma chave digital no meu smartphone. Tudo é controlado por um aplicativo. Basta mudar de Desocupado para Ocupado. Todas as outras coisas são automáticas: os sensores da casa recebem o código e me deixam entrar. Se eu tivesse uma pulseira digital, nem precisaria usar o celular.

Você está *brincando*, comenta Simon, impressionado, encarando a porta.

Quase caio na gargalhada ao ver a reação dele. Para Simon, que adora tecnologia, uma casa que pode ser controlada pelo telefone é o mesmo que reunir todos os melhores presentes de aniversário em um só.

Entro em um pequeno vestíbulo, pouco maior do que um armário. É muito apertado para eu e o corretor, que entrou logo atrás de mim, ficarmos juntos de forma confortável, então, mesmo sem autorização, sigo em frente.

Dessa vez sou eu quem diz: Uau! É mesmo espetacular. Janelas enormes com vista para um pequeno jardim e um muro alto de pedra permitem que a luz inunde o ambiente. Não é grande, mas parece espaçoso. As paredes e os pisos são feitos da mesma pedra clara da fachada. Vãos ao longo da base das paredes passam a impressão de que elas estão flutuando. E o lugar está *vazio*. Mas não sem mobília: vejo uma mesa de pedra no cômodo ao lado, algumas cadeiras muito elegantes de jantar, assinadas por um designer, um sofá comprido e baixo revestido por um tecido grosso de cor creme, mas nada além disso, nada que chame a atenção. Sem portas, sem armários, sem quadros, sem janelas, nenhuma tomada à vista, nenhuma luminária, nem mesmo — olho em volta, perplexa — interruptores. E, embora o lugar não pareça abandonado ou desabitado, não há absolutamente qualquer bagunça.

Uau!, exclamo outra vez.

Minha voz soa estranhamente abafada. Percebo que não dá para ouvir nenhum ruído vindo da rua. O onipresente barulho de fundo londrino — trânsito, montagem de andaimes e alarmes de carro — desapareceu.

É o que a maioria das pessoas diz, concorda o corretor. Desculpe o incômodo, mas o proprietário exige que a gente tire os sapatos. Podem fazer a gentileza?

Ele se abaixa para desamarrar os sapatos chamativos. Nós fazemos o mesmo. Então, como se o vazio absoluto da casa tivesse sugado toda a conversa fiada do corretor, ele sai andando de meias, aparentemente tão estupefato quanto nós ao observarmos a casa.

AGORA: JANE

— É linda — digo. O interior da casa é tão elegante e perfeito quanto uma galeria de arte. — Simplesmente *linda*.

— Não é? — concorda Camilla.

Ela estica o pescoço para observar as paredes vazias, feitas de alguma pedra cara de cor creme, que se erguem até o vão do teto. O acesso ao segundo andar é pela escada mais louca e minimalista que já vi. Parece algo entalhado na superfície de um penhasco: degraus flutuantes de pedra bruta, sem corrimãos ou apoios visíveis.

— Não importa quantas vezes eu venha aqui, sempre fico impressionada — diz ela. — A última vez foi com um grupo de estudantes de arquitetura. Aliás, essa é uma das exigências: é preciso abrir a casa para visitação a cada seis meses. Mas as pessoas são sempre muito respeitosas. Não é como receber turistas que jogam chiclete nos tapetes.

— Quem está morando aqui?

— Ninguém. Faz quase um ano que a casa está vazia.

Olho para o cômodo ao lado, se *cômodo* for a palavra certa para aquele espaço aberto que na verdade nem tem moldura de porta, muito menos uma porta. Em uma mesa comprida de pedra há um vaso de tulipas, cujas pétalas vermelho-sangue causam um contraste chocante com a pedra clara.

— Então de onde vieram essas flores? — Eu me aproximo e passo a mão na mesa. Sem poeira. — E quem mant m o lugar tão limpo?

— Uma empresa especializada manda uma faxineira toda semana para cuidar de tudo. Essa é outra condição: É preciso manter isso. E um jardineiro também tem que vir.

Eu me aproximo da janela, que vai até o chão. *Jardim* também é um termo bastante equivocado. Na verdade, é um pátio, um espaço fechado de vinte e quatro metros quadrados, pavimentado com a mesma pedra na qual estou pisando. Há um pequeno retângulo adjacente à parede oposta, assustadoramente preciso e com uma grama tão bem aparada quanto a de um campo de futebol. Nada de flores. Na realidade, com exceção daquele minúsculo trecho de grama, não há nada vivo, nenhuma cor. Alguns pequenos círculos cobertos de seixos acinzentados são a única outra coisa à vista.

Ao entrar de novo na casa, percebo que o lugar precisa apenas de um pouco de cor, de certa suavidade. Com alguns tapetes, alguns toques pessoais, ficaria muito bonito, como algo tirado de uma revista de decoração. Pela primeira vez em muito tempo, sinto um leve tremor de animação. Será que finalmente estou com sorte?

— Bem, não vejo problemas — digo. — É só isso?

Camilla dá um sorriso hesitante.

— Quando eu avisei que esta é *uma* das condições, quis dizer que é uma das mais simples. Você sabe o que é um acordo restritivo?

Nego com a cabeça.

— É uma condição legal perpetuamente imposta a determinada propriedade, algo que não pode ser revogado mesmo que a casa seja vendida. No geral, tem a ver com direitos de uso: se o local pode ser usado para fins comerciais, esse tipo de coisa. Nesta casa, as condições constam do contrato de aluguel, mas, como também são cláusulas restritivas, nunca poderão ser negociadas ou alteradas. É um contrato extremamente rigoroso.

— Do que estamos falando?

— Resumindo, é uma lista de permissões e proibições. Bem, principalmente de proibições. Estão proibidas alterações de qualquer tipo, exceto com acordo prévio. Nada de tapetes ou carpetes. Nada de quadros. Nada de vasos de plantas. Nada de ornamentos. Nada de livros...

— Nada de *livros*! Isso é ridículo!

— Nada de plantar no jardim, nada de cortinas...

— Como impedir a entrada de luz se não pode ter cortina?

— As janelas são fotossensíveis. Escurecem quando o céu clareia.

— Está bem, nada de cortinas. Mais alguma coisa?

— Ah, sim — diz Camilla, ignorando meu tom sarcástico. — Há cerca de duzentas exigências no total. Mas é a última que gera a maior parte dos problemas.

ANTES: EMMA

...Nenhuma luz com exceção das que já estão aqui, diz o corretor. Nada de varais. Nada de lixeiras. É proibido fumar. Nada de descansos de copo ou jogos americanos. Nada de almofadas, nada de bugigangas, nada de outros móveis...

Que *loucura*, diz Si. Como ele tem esse direito?

Simon tinha levado semanas para montar os móveis do nosso apartamento atual e sente um orgulho tão grande disso quanto se houvesse cortado as árvores e entalhado as peças com as próprias mãos.

Eu disse que era delicado, comenta o corretor, dando de ombros.

Olho para o teto.

Por falar em luzes, digo, como faço para acendê-las?

Você não acende, responde o corretor. Há sensores de movimento ultrasônicos associados a um detector que ajusta a intensidade de acordo com a luz do dia. É a mesma tecnologia que acende os faróis do carro à noite. Então basta escolher o modo a partir do aplicativo. Eficiente, Calmo, Alegre, assim por diante. O sistema ainda acrescenta raios UV extras no inverno, para ninguém ficar deprimido. Como aquelas lâmpadas que simulam a luz do sol, sabe.

Percebo que Simon está tão impressionado com tudo isso que o direito do arquiteto de proibir a montagem de outros móveis de repente não é mais um problema.

Obviamente, o sistema de aquecimento é subterrâneo, prossegue o corretor, sentindo que está agradando. Suga o calor a partir de um furo de sonda bem embaixo da casa. E todas as janelas têm isolamento triplo. A casa é tão eficiente que chega até a devolver energia para a concessionária. Nunca mais vão ter que pagar conta de luz.

Isto soa como pornografia para os ouvidos de Simon.

E a segurança?, pergunto de forma brusca.

Tudo no mesmo sistema, diz o corretor. Não dá para ver, mas tem um alarme embutido no muro do lado de fora. Todos os quartos têm sensores, os mesmos que acendem as luzes. E é um sistema inteligente. Aprende quem você é, qual é a sua rotina, e, se detectar a presença de qualquer outra pessoa, vai certificar com você se é alguém autorizado.

Emma?, chama Simon. Você *precisa* ver essa cozinha.

Ele foi até o cômodo ao lado, onde havia uma mesa de pedra. A princípio não entendo por que ele identificou o local como uma cozinha. Uma bancada de pedra percorre a parede. Em uma extremidade, um tubo de aço fino se projeta sobre a pedra, o que suponho ser uma torneira. Uma pequena cavidade mais abaixo parece uma pia. Na outra extremidade há quatro pequenos orifícios enfileirados. O corretor passa a mão em um deles. No mesmo instante, uma chama feroz e sibilante surge ali.

Tcharã, diz ele. O fogão. E, na verdade, o arquiteto prefere a palavra *refeitório* a *cozinha*.

Ele sorri, como se quisesse demonstrar que sabe que isso é uma bobagem.

Olhando mais de perto, percebo que há pequenos entalhes entre alguns painéis da parede. Empurro um deles e a pedra se abre. Não com um clique, mas com um lento e pneumático suspiro. Logo atrás há um pequeno armário.

Vou lhes mostrar o segundo andar, diz o corretor.

A escada é formada por diversas lajes de pedra fixadas à parede.

Obviamente, não é seguro para crianças, adverte o corretor enquanto subimos. Cuidado onde pisam.

Deixe-me adivinhar, diz Simon. Corrimões e parapeitos também estão na lista de proibições?

Além de animais de estimação, responde o corretor.

O quarto é tão compacto quanto o restante da casa. A cama é embutida — um pedestal de pedra clara, com um colchão enrolado estilo futon — e o banheiro não é fechado, apenas escondido atrás de outra parede. Contudo, embora o vazio do primeiro andar seja grave e desmotivador, aqui em cima parece tranquilo, quase acolhedor.

Parece a cela de uma prisão de luxo, comenta Simon.

Como eu disse, não é para todos os gostos, observa o corretor. Mas para a pessoa certa...

Simon pressiona a parede ao lado da cama e outro painel se abre. Lá dentro há um armário. Existe espaço para pouco mais que dez peças de roupa.

Uma das regras é: nada no chão em nenhum momento, avisa o corretor, solícito. Tudo precisa ser guardado.

Simon franze a testa.

Como vão saber?

Inspeções regulares fazem parte do contrato. Além disso, se qualquer uma das regras for quebrada, a faxineira tem que informar à administradora.

Impossível!, reclama Simon. É como voltar à escola. Não vou tolerar alguém me repreendendo porque não recolhi minhas camisas sujas.

Então me dou conta de algo. Não tive nenhum flashback ou ataque de pânico desde que entrei na casa. É tão isolada do mundo exterior, feito um *casulo*... e eu me sinto completamente segura. Uma fala do meu filme favorito surge em minha mente: *A quietude e a aparência. Nada de muito ruim poderia acontecer com você ali.*

Quer dizer, óbvio que é incrível, continua Simon. E, se não fosse por todas essas regras, é provável que nos interessássemos. Mas somos bagunceiros. O lado de Em do quarto parece uma loja de departamento, só que destruída por uma bomba.

Bem, nesse caso..., diz o corretor, balançando a cabeça.

Gostei, digo impulsivamente.

Você gostou?, pergunta Simon, parecendo surpreso.

É diferente, mas... meio que faz sentido, não é? Se você construísse um lugar como este, um lugar incrível, entendo por que gostaria que fosse ocupado da forma correta, como pretendia que fosse. Caso contrário, qual seria o objetivo? E é fantástico. Nunca vi nada parecido, nem mesmo em revistas. Nós *podemos* ser organizados, não é mesmo, se esse for o preço para morarmos em um lugar assim?

Bem... ótimo, diz Simon, em dúvida.

Você também gostou?, pergunto.

Se você gostou, eu adorei, responde ele.

Não, quer dizer, você gostou mesmo? Seria uma grande mudança. Eu não gostaria que fizéssemos isso a menos que você realmente quisesse.

O corretor fica nos observando, ansioso para descobrir como vai terminar esse pequeno debate. Mas sempre foi assim entre nós dois. Eu tenho uma ideia, então Simon pensa a respeito e acaba concordando.

Você tem razão, Em, diz Simon devagar. É muito melhor do que qualquer outro local que a gente possa encontrar. E, se é um recomeço que queremos, bem, isso é muito mais diferente do que nos mudarmos para outro quarto e sala padrão, não é mesmo?

Ele se vira para o corretor e pergunta:

Então, qual é o próximo passo?

Ah, diz o corretor. Essa é a parte complicada.

AGORA: JANE

— Qual é a última exigência?

— Apesar de todas as restrições, você ficaria surpresa com quantas pessoas querem o imóvel ainda assim. Mas o último obstáculo é que o próprio arquiteto tem direito a veto. Na verdade, ele precisa aprovar o inquilino.

— Pessoalmente?

Camilla faz que sim com a cabeça.

— Se chegar a tanto. É preciso preencher um grande formulário de inscrição. E, é claro, assinar um termo para confirmar que leu e entendeu as regras. Se você for aprovada, vai ser convidada para uma entrevista em qualquer parte do mundo onde ele estiver. Nos últimos anos, foi no Japão. Ele estava construindo um arranha-céu em Tóquio. Mas já voltou para Londres. Só que em geral ele nem chega a se incomodar com a entrevista. Simplesmente recebemos um e-mail informando que o pedido foi rejeitado. Nenhuma explicação.

— Que tipo de pessoas são aceitas?

Ela dá de ombros.

— Lá na imobiliária não identificamos nenhum padrão, mas já percebemos que estudantes de arquitetura nunca conseguem. E certamente não é necessário já ter morado em um lugar como este. Na verdade, eu diria que essa é uma desvantagem. Tirando isso, eu sei tanto quanto você.

Olho ao redor. Se eu tivesse construído esta casa, que tipo de pessoa escolheria para morar aqui? Como eu julgaria o pedido de um potencial morador?

— Honestidade — respondo, pronunciando a palavra devagar.

— Como?

Camilla me encara, perplexa.

— O que vejo nesta casa não é só a beleza. É o compromisso envolvido. Quer dizer, óbvio que é inflexível, até mesmo um pouco bruta em alguns aspectos. Mas é uma obra de alguém que dedicou tudo, toda a sua paixão, para criar algo exatamente como desejava. Isso tem... Bem, é uma palavra pretensiosa, mas tem *integridade*. Acho que ele está procurando pessoas dispostas a serem igualmente honestas quanto a morar aqui.

Camilla dá de ombros outra vez.

— Talvez você tenha razão — comenta ela com um tom de voz que sugere dúvida em relação ao que falei. — Então, quer se candidatar?

Por natureza, sou cuidadosa. Raramente tomo decisões sem pensar: pesquiso as opções, peso as consequências, pondero os prós e os contras. Por isso, fico um pouco espantada ao me ouvir dizer:

— Sim. Com certeza.

— Ótimo.

Camilla não parece surpresa, mas, afinal, quem não gostaria de morar em uma casa assim?

— Vamos voltar à imobiliária e lá eu entrego o formulário de inscrição.

É preciso responder a uma série de perguntas, passar por um criterioso processo de seleção e se comprometer a seguir inúmeras regras para morar no nº 1 da Folgate Street, uma casa linda e minimalista, obra-prima da arquitetura em Londres. Mas há um preço a se pagar para viver no lugar perfeito. Mesmo em condições tão peculiares, a casa atrai inúmeros interessados, entre eles Jane, uma mulher que, depois de uma terrível perda, busca um ponto de recomeço.

Jane é incapaz de resistir aos encantos da casa, mas pouco depois de se mudar descobre a morte trágica da inquilina anterior. Há muitos segredos por trás daquelas paredes claras e imaculadas. Com tantas regras a cumprir, tantos fatos estranhos acontecendo ao seu redor e uma sensação constante de estar sendo observada, o que parecia um ambiente tranquilo na verdade se mostra ameaçador.

Enquanto tenta descobrir quem era aquela mulher que habitou o mesmo espaço que o seu, Jane vê sua vida se entrelaçar à da outra garota e sente que precisa se apressar para descobrir a verdade ou corre o risco de ter o mesmo destino. Com um suspense de tirar o fôlego e um clima de tensão do início ao fim, JP Delaney constrói um *thriller* brilhante repleto de reviravoltas até a última página. Uma história de duplicidade, morte e mentiras.

SAIBA MAIS:

www.intrinseca.com.br/livro/723